



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### THALES DE AZEVEDO: EDUCAÇÃO, RAÇA E ETNIA NA BAHIA NA DÉCADA DE 1950

Ivonete Lima Silva\*  
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O respectivo trabalho visa apresentar os desdobramentos referentes a discussões acerca do tema raça/etnia que permearam o período de 1950, a partir da obra de Thales de Azevedo *“As Elites de Cor numa cidade Brasileira”*. Pretendeu-se identificar como o autor construiu argumentos em torno da existência de raças/etnias na Bahia e suas implicações nas relações sociais e educacionais. A obra é analisada a partir do seu contexto de produção, ou seja, fruto do Projeto Columbia e relacionada aos ideais divulgados pela UNESCO sobre as relações raciais no mundo.

#### INTRODUÇÃO

O cenário social brasileiro nos anos de 1950 estava impregnado de discussões acerca da sociedade brasileira, das concepções que havia fomentado a sua estrutura social, econômica e política até aquele momento. Afirma Consorte (1997, p.?) que:

---

\*Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPQ. E-mail: ivonet24@yahoo.com.br.

\*\*Doutora em Educação; professora do mestrado *Memória: Linguagem e Sociedade* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); pesquisadora do projeto *“Revisitando o Programa de Ciências Sociais no Estado da Bahia – Columbia University”*.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

É dessa época a percepção do país como dois brasis, um arcaico, tradicional, e outro moderno, e a crença em que o desenvolvimento de sua porção moderna levaria à superação de suas contradições, fazendo-o, finalmente, dar o tão esperado salto para o futuro, ingressando no rol dos países-reitores, para usar uma expressão de Darcy Ribeiro.

O processo de modernização do Brasil, a partir dos anos 50, segue acompanhado de discussões acerca desses dois “brasis” e das relações raciais harmoniosas entre brancos e negros. Nesse período, há ainda o interesse internacional (cientistas sociais europeus e norte-americanos) acerca de questionamentos a respeito da convivência de “raças diversas”. Tal interesse fica evidenciado na atuação da UNESCO, são suscitados questionamentos devido à preocupação no pós-guerra em solucionar - ou pelos menos evitar - o desenvolvimento ideológico-político de concepções sobre raça e cultura que favoreça o “anti-semitismo”.

Particularmente entre o período de 1946-1950, as ciências sociais ganham destaque no cenário brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Bahia. As condições materiais e sociais de uma sociedade em processo de industrialização e urbanização fomentam um conjunto de demandas, particularmente no campo das relações que estavam sendo imbricadas entre o tradicional e moderno. Os intelectuais brasileiros da área das ciências sociais vão sendo chamados a assumir importantes papéis junto às instâncias acadêmicas e governamentais. É neste cenário que se encontra uma singular associação entre intelectuais brasileiros e norte-americanos da Universidade de Columbia, particularmente na Bahia, para desenvolver o chamado “Projeto Columbia”.

Existem vários pontos de consenso e dúvidas sobre o que foi, realmente, O “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – *Columbia University*”, comumente



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

chamado Projeto Colúmbia. A literatura que se refere a este tema é ampla e diversa, mas encontra-se fragmentada em diferentes áreas, sendo matéria de antropólogos, historiadores, cientistas sociais, etc. Segundo Consorte (1997, p.60):

[...]. Um projeto de pesquisa ambicioso, voltado para o estudo das condições em que se encontravam a educação e a saúde em todo o Estado da Bahia, a ser desenvolvido em convênio com a Universidade de Columbia em Nova York começou a dar seus primeiros passos.

No início de 1951, a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) tem suas preocupações referentes ao tema relações raciais, que se incorpora na agenda do “Programa Pesquisas Sociais da Bahia – Colúmbia University”, uma vez que este já tinha estabelecido, na sua pauta, os estudos de comunidade e tinha uma preocupação explícita com as relações raciais, por influência de um grupo de pesquisadores (Thales de Azevedo, Charles Wagley). Alfred Métraux foi o portador da pauta da UNESCO. No dizer de Consorte (2005, p. 60):

Essa preocupação fazia parte de uma pauta de trabalhos deixada por Arthur Ramos, falecido repentinamente em outubro de 1949, em Paris, quando se encontrava à frente do Departamento de Ciências Sociais daquela instituição. A inclusão desta temática na agenda dos participantes do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Colúmbia University ensejou o aparecimento de duas publicações, ambas patrocinadas pela UNESCO; uma sobre as relações raciais, em Salvador, a cargo do Dr. Thales de Azevedo e outra sobre o mesmo fenômeno, organizada por Charles Wagley, reunindo uma introdução e vários artigos referentes às comunidades em estudo. Publicadas em 1952 e 1953, anteciparam-se de alguns anos às monografias de Marvin Harris e de Harry Hutchison em razão do processo acadêmico que os levava ao doutorado.

A Bahia foi considerada o *lócus* privilegiado para o estudo acerca da diversidade cultural e étnica, pois segundo Pierson (1937, p.) “a Bahia seria uma



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

sociedade multirracial de classes”, e que essa “organização seria explícita em Salvador”.

Desde a sua fundação em 1549, a cidade recebeu uma enorme quantidade de africanos, devido às necessidade econômicas da produção de açúcar das fazendas e engenhos no Brasil colonial, a formação da sociedade da Bahia se dá além a mar, segundo Mattoso (1978, p.153):

Cidade nascida sem nenhuma base infra-estrutural anterior, apesar da presença de um grupo de colonizadores antigos, a cidade do Salvador é contudo uma cidade que nasce, já socialmente estruturada. Com efeito Tomé de Souza trazia, com os 1500 homens que o acompanhava, a micro-imagem daquilo que mais tarde viria a ser a sociedade da capital.

Conforme Menezes ressalta (2000), a formação da sociedade baiana congrega o encontro de dois “mundos” o europeu e o africano, sem esquecer os elementos indígenas que também serão congregados nesse processo, porém vale lembrar que a preocupação aqui é com o encontro dos mundos europeu e africano. Após a abolição da escravidão não se confirmou políticas públicas visando à inclusão dos ex-escravos e seus descendentes, o que se configura é um processo de exclusão dessa parcela da sociedade brasileira, o exemplo é a adoção do “voto de qualidade” que tem como critério para medir a capacidade de discernimento o saber ler e escrever, na concepção de Rui Barbosa (1884) era perigoso conceder ao mesmo tempo liberdade e igualdade civil.

Cabe lembrar que o chamado “problema do negro na sociedade brasileira” (idem, p.05) começa a ser estudado desde a segunda metade do século XIX, o estudo acerca do tema é desenvolvido por médicos, a concepção é de que estes profissionais seriam os mais apropriados para responder as questões referentes à “raça humana”. No final deste século, desponta o médico-antropólogo Raimundo Nina Rodrigues com



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

estudos acerca do “negro”, o seu trabalho tem como objetivo demonstrar a superioridade do branco em relação ao negro.

As condições sociais do negro na Bahia recebem singular importância no II congresso Afro-brasileiro realizado janeiro de 1937, entretanto, a instauração do Estado Novo no final deste mesmo ano impõe uma discussão nacionalista e uma ação repressiva aos grupos divergentes da política estadonovista. Contudo, o que se conseguiu com o II Congresso permaneceu presente nos estudos etnográficos de Artur Ramos, *O negro Brasileiro*; Edison Carneiro, *Religiões negros e negros Bantus*; José Sodré Viana (Josévi), *Cadernos de Xangô*; Donald Pierson, *Branco e Pretos na Bahia*; e no romance de Jorge Amado, *Jubiabá* (Tavares 2001).

A constituinte de 1946 significou um passo importante na volta ao estado democrático, assim concluía o ciclo da política do Estado Novo. Em 10 de abril de 1947 tomou posse do governo do Estado da Bahia, Otávio Mangabeira. Tavares (2001) afirma que nesse momento a Bahia se encontra “atrasada e ferida”, ou seja, a organização socioeconômica brasileira deste final do período colonial inviabilizou uma expansão deste estado. A necessidade de introduzir a Bahia no processo de industrialização e urbanização orientará a política econômica do governo de Mangabeira (Tavares 2001).

Nesse processo de formação da equipe de governo, Mangabeira convocou Anísio Teixeira para assumir a Secretaria da educação e Saúde. Anísio Teixeira encontrava-se em missão internacional na UNESCO, planejando, com outros técnicos, a melhor educação para o mundo pós-guerra. Auxiliado na parte da saúde pelo médico José Silveira, Anísio Teixeira inaugurou na Secretaria da Educação um período de inovações e realizações que mudaram substancialmente o quadro educacional da Bahia. (Tavares, 2001).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

À frente da Secretaria da Educação e Saúde, Anísio Teixeira, em meados de 1949, inicia e estruturação do Projeto “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Colúmbia University”, já referenciado nesse texto, e convida o Prof. Thales de Azevedo para dirigi-lo. O programa tem como objetivo fornecer subsídios para o planejamento de educação e saúde do estado. O projeto corresponde ao convênio da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, instituição criada por Anísio Teixeira, com a contribuição de Thales de Azevedo e vinculada ao Governo do Estado e a Universidade norte-americana Columbia University (CONSORTE 2005).

### **Thales de Azevedo: Educação e relações raciais**

Thales de Azevedo médico-antropólogo seguia a tradição brasileira em que tais profissionais se propõem a desvendar as condições sociais do negro, conhecedor da sociedade baiana devido a alguns trabalhos publicados (*Raças humanas superiores e raças inferiores*, 1931; *Povoamento da Cidade de Salvador*, 1949). Apesar desses trabalhos, segundo Maria de Azevedo e Brandão (1996, p. 14), no prefácio da 3ª Edição de *As Elites de Cor numa cidade Brasileira*, a participação de Thales de Azevedo no projeto é que definira seus estudos no campo das relações étnicas:

[...] a motivação decisiva dos estudos de relações inter-étnicas decorre do seu engajamento no ciclo de estudos patrocinados pela Unesco no Brasil, no início dos anos 50, de que resultaram vários artigos entre 1951 e 1953 e seu estudo sobre ascensão social de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

peças de cor na Bahia, com o trabalho de coleta realizado entre fevereiro e outubro de 1951.

O trabalho foi publicado inicialmente em Paris com o título de *Les elites de couleur une ville brésilense*, em 1953. Caracteriza-se por ser resultado das pesquisas realizadas durante o projeto, escrito em poucos meses (meado de 1951/jan.52). Elites de Cor é o primeiro dos trabalhos concluídos do projeto, embora publicado posteriormente ao trabalho de Charles Wagley<sup>325</sup>. As discussões têm como tema o duelo entre dois brasis, que no caso de Elite de Cor, “duas cidades da Bahia” (duas Salvador), trata do modo pelo qual a sociedade está organizada, e de como as relações inter-étnicas se configuram na cidade. Azevedo faz uma descrição com uma acentuada interpretação dessas relações, afirma Guimarães (ano, p.):

Thales tomará emprestado à sociologia alemã de Tönnies e Weber as categorias de classe e de grupos de prestígio, ou estamentos, para referir-se à estratificação dos grupos de cor. A inovação de Thales consiste justamente em teorizar a transição do Brasil colonial para um Brasil moderno em termos da passagem de uma sociedade de status para uma sociedade de classes, indicando como a associação entre status e cor permanecia incólume nessa transição.

Em um dos textos do seu livro *Elites de Cor “Os Tipos Étnicos Baianos”*, ele afirma que para “compreender uma descrição da população local ou interpretar uma estatística demográfica baiana, antiga ou moderna é necessário conhecer muito bem o significado dos termos com que se designam os variados tipos físicos” (AZEVEDO, 1996, p.34), ou seja, ele conclama atenção dos pesquisadores para as expressões usadas em Salvador como branco, preto, mulato, pardo, moreno e caboclo definindo que essas expressões, muito embora estejam relacionadas com “traços raciais” a cor

---

<sup>325</sup>Race and class in rural Brasil (Paris, UNESCO, 1952), organizado por Charles Wagley.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

da pele, o cabelo e as formas faciais, na verdade são vocábulos que definem o sujeito socialmente, tais expressões os apresentam à sociedade.

No que se refere às tensões sociais, o autor afirma haver uma atenuação destas e justifica que tal atenuação se dá devido ao ritmo moderado da vida na Bahia, ou ainda “o que deve muito contribuir para diminuir a tensão entre os grupos que competem na sociedade baiana é o desvio da agressividade em grande parte para o governo”. Assim, para o autor a população canaliza seus impulsos agressivos para os poderes públicos em geral. Entretanto, Thales de Azevedo identifica um antagonismo entre pretos e mulatos relatando que, na Bahia, esses dois grupos “nutrem” um preconceito de cor entre si. Os mulatos buscam uma aproximação com os brancos, evitando os negros, para ele esses sentimentos são em parte formulações de antagonismo de classe entre os morenos e mulatos claros de status elevado, “socialmente brancos”, e os escuros, que se esforçam por melhorar a sua classificação na sociedade.

Na Bahia, segundo o mesmo autor, há boas relações inter-raciais: a mestiçagem se processa com liberdade “a mestiçagem não é proibida por nenhuma lei nem é socialmente desaprovada senão na medida em que afeta a estrutura de classes firmemente estabelecidas no país” (AZEVEDO, 1996 p.49). Isso o leva a concordar como o pensamento de Pierson “os baianos aglutinam-se e distanciam-se muito mais em função dos seus status do que de sua cor”, ou seja, há um distanciamento entre classes, quanto à cor; “ela é um acidente”, no caso dos socialmente brancos.

Mas, afinal, como Thales de Azevedo - de certa forma representante da Secretária da Educação do Estado da Bahia - discute a interface entre educação e etnia?

A Educação é um tema tratado na obra *Elite de Cor* (1996) como fator preponderante para ascensão social, e que, na Bahia, é vista como a solução para





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

todos os males da discriminação social e racial, como em toda parte do país ele seria “a solução da Pátria”. E ainda, segundo o autor “para muitos baianos o preconceito de cor é um problema de educação” (p.111), o texto conduz a afirmação de que os que sofrem alguma discriminação, a sofrem não por serem pretos, mas sim por não serem educados no padrão da elite. Esse seria um discurso bastante difundido entre a população baiana.

No mesmo livro, o autor apresenta traços da educação oficial da sociedade baiana, situando o acesso à escola de brancos e pretos, ou seja, como são matriculados e que tipo de escola está reservada para cada grupo. A princípio, tanto a escola pública como a particular aceitam a matrícula de ambos, porém aqui reside a primeira “seleção”: enquanto a pública receberia uma maior quantidade de “pessoas de cor”, já que estes pertencem às classes de baixo poder aquisitivo, as instituições particulares, por ser freqüentadas pelas classes altas, receberiam uma quantidade superior de brancos. Aqui também reside a fragilidade da identificação, em que o dinheiro, segundo o próprio Thales de Azevedo, embranquece as pessoas, ou seja, na escola particular muitos dos brancos são designados pela definição dos “socialmente brancos”, enquanto que, na escola pública, a falta de poder aquisitivo dos alunos acentuaria a sua cor.

O segundo ponto abordado por Thales de Azevedo diz respeito aos cursos freqüentados por alunos de cor e alunos brancos, “nas escolas secundárias públicas e particulares o número de alunos de cor, especialmente os mais escuros, é menor porque esses cursos são seguidos, em grande parte, por jovens que destinam às carreiras liberais são de certo modo um privilégio dos brancos, muito embora sejam acessíveis também aos escuros” (AZEVEDO, 1996 p.111), essa seria mais uma evidência das diferenças de classe, aqueles que têm um maior poder aquisitivo teriam a possibilidade de permanecerem mais tempo na escola.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

O terceiro ponto aborda a presença de professores de cor nas escolas particulares e públicas. Thales de Azevedo afirma que, em ambas, são harmoniosas as relações entre o grupo de professores de cor e professores brancos, entretanto, o autor evidencia que em escolas públicas os professores de cor chegam a cargo de diretorias com mais frequência. Outro aspecto abordado, é que durante algum tempo os professores de desenho, de música e de mecânica tiveram uma posição inferior em relação aos outros professores. Isto estaria ligado ao conceito de hierarquização presente no Brasil de que artes manuais “eram menos nobres e que seus docentes não tinham o preparo intelectual exigido para o ensino de letras e ciências”, entretanto, alguns afirmam que esse tipo de postura está vinculado a preconceitos de classe e de raça da afirmação de que o trabalho manual seria uma atividade destinada aos escravos e, por isso, menos digna.

No quarto ponto a preocupação do autor recai sobre as relações estabelecidas entre alunos e professores, e entre alunos dos diversos grupos étnicos. Quanto às relações estabelecidas entre os alunos nas escolas elementares públicas, Thales de Azevedo afirma não haver distinção nos relacionamentos, porém nas escolas secundárias os estudantes agrupam-se segundo os seus tipos físicos, muito mais em função de status social e econômico. Quanto às relações entre professores e alunos, o autor define várias situações, há situação em que o relacionamento entre professores de cor e alunos brancos se dão sem atrito, enquanto, em alguns casos, alunos acusam professores de cor de serem ríspidos com brancos.

O que Thales de Azevedo especifica referente à educação é um fator “de forte” influência para aquisição de status entre as pessoas de cor na cidade de Salvador, ela determina muitos dos traços das relações inter-raciais. A idéia de que a educação habilita o negro a ingressar na sociedade como um todo, constitui-se em uma forma de manutenção do “sistema”, na medida em que impõe, ao indivíduo. A condição de



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

que ele pode ser aceito naquele meio desde que tenha educação, e que uma vez não sendo aceito, não será por conta da cor e sim por conta do acesso à educação.

Do ponto de vista dos estudos decorrentes do projeto Columbia e da sua associação com a UNESCO, tudo indica que trabalhos sob orientação de Wagley (1950) - como os trabalhos de Thales de Azevedo (1953) - aparecem fortemente influenciados pela tese de PEIRSON (1945), segundo a qual a Bahia seria uma “sociedade multirracial de classe”. De certa forma, a questão da chamada democracia racial não deixa de apresentar outras situações sociais, inclusive de preconceito e discriminação (MAIO 1997, p. 231).

Atualmente, a discussão acerca de etnia no Brasil ampliou-se na tentativa de acompanhar as novas demandas do sistema educacional, a partir da Lei 10.639 de 9.1.2003, que tem como finalidade regulamentar e especificar os conteúdos programáticos: o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra no Brasil e o negro na formação da sociedade nacional resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

Tendo em vista a concepção heterogênea presente no território brasileiro, o tema “etnia” passa a ser revisitado. Clifford Geertz (1998) afirma que o universo cotidiano não é formado por qualquer tipo de homens, “sem rostos”, “sem qualidades”. Ele é formado por “homens personalizados, classes concretas de pessoas determinadas”. Assim, se quisermos entender um determinado universo cultural, é necessário conferir identidade a esses sujeitos. A instituição dessa identidade perpassa pelas concepções de etnia.

Resta-nos discutir se os textos produzidos a partir do *Projeto Columbia*, em sua correlação ou não com a UNESCO, ainda repercutem ou influenciam as discussões sobre o tema da etnia, principalmente no campo das políticas educacionais.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Thales de, WAGLEY, Charles. **Uma Pesquisa Sobre a Vida Social no Estado da Bahia**. Nº 11, Salvador: Museu do Estado, 1950.
- AZEVEDO, Thales de. **As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social e classes sociais e grupos de prestígio**. Paris: UNESCO, 1953.
- CONSORTE, J Gomes. **Culturalismo e Educação nos anos 50: o desafio da diversidade**. Caderno CEDES v.18 n.43 Campinas: S/e, dez. 1997. Disponível em 18/08/2006 em [www.scielo.br](http://www.scielo.br).
- CONSORTE, J Gomes. Itinerário de uma Pesquisadora: Sucessos e Percalços. In: MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha e CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos (orgs). **Memória e Trajetória de Pesquisa**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005 (p.56-72).
- GEERTZ, C. **Saber Local. Novos Ensaios em Antropologia**. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 3ª ed., 2000.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **O Projeto UNESCO na Bahia**. Departamento de Sociologia da USP. Disponível em 18/08/2006 [www.ffch.usp.br](http://www.ffch.usp.br).
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Estudos de Relações. In: **Revista da Bahia**. nº 20, dezembro 1995.
- MAIO, Marcos Chor. **A História do Projeto UNESCO: Estudos Raciais e Ciências Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro, 1997. (Tese de doutorado).
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **500 Anos de Educação: diferenças e tensões culturais**. In: **I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro, 2000.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: EDUFABA, 2001.